

TRANSGRESSÕES DE UMA MENINA MÍOPE

Wellingson Valente dos Reis¹
Widnerlley Santos Vargas Munhoz²
Josebel Akel Fares³

Resumo:

O presente artigo foi elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso “Meninas Transgressoras: o Universo Infantil em Maria Lúcia Medeiros”, apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Letras. O estudo trata das transgressões de uma menina míope, personagem principal do conto “Zeus ou a menina e os óculos”, que foge do mundo “chato” dos adultos para entrar no seu mundo, o mundo infantil. A pesquisa, de cunho bibliográfico, tem embasamento em teóricos da atualidade que tratam dos temas relacionados à infância, devaneio, mitologia e a escola. A pesquisa volta-se para as considerações destes temas no conto da autora Maria Lúcia Medeiros, fazendo uma análise da construção desse mundo sonhado pela personagem.

Palavras-chave: Infância – Maria Lúcia Medeiros – Transgressão

Resumen:

El presente artículo fue elaborado a partir del trabajo de conclusión de curso “Meninas Transgressoras: o Universo Infantil em Maria Lúcia Medeiros”, presentado para la obtención del grado de licenciatura en Letras. El estudio trata de las transgresiones de una niña miope, personaje principal del cuento “Zeus ou a menina e os óculos”, que huye del mundo “chato” de los adultos para entrar en su mundo, el mundo infantil. La investigación, de cunho bibliográfico, tiene embasamiento en teóricos de la actualidad que tratan de los temas relacionados a la infancia, devaneio, mitología y la escuela. La investigación se vuelve hacia las consideraciones de estos temas en el cuento de la autora Maria Lúcia Medeiros, haciendo un análisis de la construcción de ese mundo soñado pela personaje.

Palabras-llave: Infancia – Maria Lúcia Medeiros – Transgresión

I

¹ Aluno do programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Análise Literária – UEPA – Graduado em Letras – UEPA e professor de Literatura. – wellingsonreis@uol.com.br

² Graduado em Letras – Língua Portuguesa – UEPA e professor de Literatura. – widmunhoz@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação e Semiótica, professora da Universidade do Estado do Pará - UEPA. Orientadora do presente trabalho. – belfares@uol.com.br

Maria Lúcia Medeiros, autora do conto “Zeus ou a Menina e os Óculos”, do livro homônimo, objeto deste estudo, é senhora de uma poética de profundas prospecções-introspecções emotivas, rica em detalhes e cuidados com as palavras, as formas e os enredos. A escritora cria e recria obsessões, perplexidades, tempos e espaços do homem moderno. Em suas narrativas, nada é casual: um quarto de hora, óculos, gritos, sussurros, chuvas, trovoadas, agulhas, lápis, ruídos, enfim, os mínimos detalhes são suficientes para a autora sugerir, deixando o sentido quase sempre latente.

Segundo a biografia da autora, estudada por Fares (2002), ela rompe o ineditismo em 1985, com a publicação do conto *Corpo Inteiro* na coletânea “Ritos de Passagem de nossa infância e adolescência”. Publicou “Zeus ou A Menina e os Óculos” (1ª edição, Belém: Cejup, 1988; 2ª Belém: Maria Lúcia Medeiros, 1994), “Velas, Por quem?” (Belém: Cejup, 1990), “Quarto de Hora” (Belém: Cejup, 1994), “Horizonte Silencioso” (São Paulo: Boitempo, 2000), “Antologia de Contos” (Belém: Amazônia, 2003), “Céu caótico” (Belém: Secult, 2005). Não ficção: O lugar da errância (artigo publicado em Amazônia e a crise da modernização/ Maria Ângela D’ Incao e Isolda M. da Silveira (org), Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994); O nativo de câncer: travessias de uma poética amazônica (artigo - Revista Asas da Palavra, Unama: Junho, 1995/ n.2) O lugar de ficção (memórias de leitura. Belém: Secult/IOE, 2004); Dom Quixote veio de trem (memórias - Revista Asas da Palavra/Edição Comemorativa do IV Centenário de Dom Quixote de La Mancha. Belém: Unama, 2005/ V.9, n. 20), entre outros esparsos.

A obra de Maria Lúcia Medeiros tem sido objeto de ensaios, comentários e outros escritos: “A quem interessar possa” - Benedito Nunes (prefácio da 1ª edição de “Zeus...”); “Transformar Pedras em Palavras” (apresentação da 2ª edição do “Zeus...”) e ABC de Maria Lúcia Medeiros - José Arthur Bogéa; “Zeus ou A Menina e os Óculos: As Sutilezas da Resistência” - Amarilis Tupiassu; “Um livro é seus mistérios” - Maria Elisa Guimarães (apresentação do *Velas, Por quem?*), A ficção de Maria Lúcia Medeiros, (estudos sobre a obra da escritora, organizado por Amarilis

Tupiassu. Belém: Secult/IOE, 2002). Além dos referidos, há outros, principalmente sobre o primeiro livro publicado, leitura recomendada ao concurso vestibular da UFPA, 1995/6, contudo permanecem inéditos ou com edições circulando apenas entre os cursinhos pré-universitários. Destes, cita-se Zeus ou A Menina e os Óculos: A Infância Revisitada dos professores Josse Fares e Paulo Nunes.

Fares (2002) ainda anota os dois trabalhos visuais de que são matérias os contos de Maria Lúcia: A Escritura Veloz - direção Mariano Klautau Filho (vídeo - produção independente - 1994), composto de comentários e imagens recortadas dos três livros, com a participação dos atores Valéria Andrade, Mariane Rodrigues, Alberto Silva, Fábio Pina, lançado durante a Feira de Frankfurt daquele ano, onde a escritora fez palestra. Chuvas e Trovoadas - direção Flávia Alfinito (curta-metragem - produção independente - 1995), baseado no conto homônimo, com a narração de José Mayer e a participação das atrizes Patrícia França, Suzana Faine, Andréia Rezende, Andreia Paiva e Francis, circulou no circuito de cinema paraense em prévia de sessões regulares - e recebeu o prêmio de Melhor Fotografia no Festival de Gramado (1995).

A escritora, professora de Literatura e responsável pela inserção da disciplina Literatura Infantil no currículo curso de Letras da UFPA (retirada posteriormente), a convite de universidades locais, nacionais e instituições estrangeiras, proferiu palestras sobre sua obra, sobre a Literatura de Expressão Amazônica, principalmente, o poeta Ruy Barata, objeto de seus estudos. Responsável pela implantação de vários projetos de leitura, é co-autora do livro didático Do Texto ao Texto: Leitura, Gramática e Criação, ao lado de Josse Fares, José Ildone, Josebel Fares, Nilza Melo e Silva e Paulo Nunes (5ª série / SEDUC / 1994).

Maria Lúcia Medeiros nasceu em 15 de fevereiro de 1942, em Bragança, município do Pará:

Eu nasci em Bragança, uma cidade simples do interior, com um trem de ferro e um rio na frente. Tive, portanto, uma infância bem brasileira: quintal, primos, frutas, tios, igreja, cinema Olympia. Em Belém já cheguei quase adolescente e meus fantasmas viviam sob as mangueiras, nas ruas largas, na arquitetura imponente de uma cidade

de 250 mil habitantes que era Belém dos anos 50. Quando descobri os livros, descobri um outro jeito de viver. Personagens, situações, lugares ajudavam meu aprendizado do mundo. Ler para mim sempre foi uma salvação. Agora, escrever, acho que sempre escrevi. Lembro que muito menina eu me recolhia e escrevia, escrevia para mim. (MEDEIROS *In* A ESCRITURA VELOZ⁴, 1994)

A escritora, a quem os amigos tratavam por Lucinha, uma pessoa movida pelo amor à palavra e, principalmente, à vida foi acometida de uma enfermidade degenerativa, faleceu em 08 de setembro de 2005, aos 63 anos.

II

A infância é um tema relevante para as mais diversas áreas do conhecimento humano. Na literatura não é diferente: a infância tem sido fonte e alvo de diversas produções em prosa e verso. No entanto, segundo Mata (2006), a infância é somente representada na literatura. Ou seja, a voz da criança é mediada pela voz do adulto ou a idéia de infância é concebida pelo que os adultos pensam sobre as crianças.

Não é por acaso que o termo “representação” é utilizado para designar a ação do ator em cena e a relação entre o povo e seus representantes políticos. Seja qual for o contexto, “representar” trará a noção de falar em nome de alguém, seja o ator com relação ao seu personagem ou o político com o seu eleitor. Dessa forma, ao falarmos de representação da infância na literatura, estamos tratando de uma representação do papel e discurso social do outro: a criança.

Penso que a maioria dos escritores, mesmo “sérios”, que falam da infância, enganam-se sempre com o assunto. Vêm a criança sob o seu ponto de vista de adultos ou então fazem um esforço enorme para se colocarem no lugar do que imaginam ser uma criança. Tudo isto é muito sistemático, muito próximo de nossas próprias convenções. (YOURCENAR *apud* BRANDÃO, C., 2002, p.189)

⁴ Trabalho visual com direção de Mariano Klautau Filho (produção independente) e participação dos atores: Valéria Andrade, Mariane Rodrigues, Alberto Silva e Fábio Pina. O vídeo traz comentários da própria autora sobre sua obra, além de imagens recortadas dos três livros até então publicados (“Zeus ou a menina e os óculos”, “Velas. Por quem?” e “Quarto de hora”).

Na obra de Maria Lúcia Medeiros a infância ocupa um espaço privilegiado, principalmente no primeiro livro, “Zeus ou a menina e os óculos”. A própria escritora reconhece isso em depoimento para o filme “A Escritura Veloz”.

A infância é o começo de tudo. Se ela é forte na minha obra? Eu acho que sim, especialmente no primeiro livro, “Zeus ou a menina e os óculos”. Há muito tempo eu tinha lido um livro de contos do Otto Lara Resende, onde ele também trabalhava com a infância, só que uma infância com muito mais sofrimento. E eu acho que eu sempre tive em mente isso: um livro com personagens todas crianças, sem ser um livro para criança. Eu acho que “Zeus ou a menina e os óculos”, que foi o primeiro livro, ele reuniu isso. Reuniu não só essas crianças, mas essa vontade de fazer um livro assim. Uma espécie de homenagem ao universo infantil. (MEDEIROS *In* A ESCRITURA VELOZ, 1994).

O historiador francês Philippe Ariès (1981) explica que no final do século XVII e início do século XVIII, surge um profundo interesse pela infância, uma nova mentalidade que passa a ver a criança como alguém que precisa ser cuidada e educada. A pesquisa do historiador, baseada em textos literários, em relatos e na iconografia produzidos no período, atenta que antes da ascensão da burguesia a criança era vista como uma projeção do adulto ou um adulto em miniatura. O estudo mostra como o adulto passou a idealizar a criança e vê-la como o indivíduo inocente e dependente do adulto devido à sua falta de experiência da realidade.

No conto “Zeus ou a menina e os óculos”, que empresta nome ao livro, vêm à tona questões referentes ao conflito entre o mundo adulto e o mundo infantil, tensões entre dever *versus* prazer, e a repulsa da criança em relação à escola. O narrador constrói uma personagem que vive (ou sobrevive) num mundo sem prazer, vazio. A escola, como transmissora de normas e valores, padrões de comportamento e mantenedora das tradições intelectuais, é o maior símbolo desse mundo tedioso e sem atrativos. A partir do fim do século XVII

a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até os nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. (ARIÈS, 1981, p. 11)

Rubem Alves (2003) ao relatar o contato que teve com a Escola da Ponte⁵, em Portugal, afirma que nossas escolas são construídas segundo o modelo das “linhas de montagem”, com o objetivo de produzir “unidades biopsicológicas móveis”, portadoras de conhecimentos e habilidades. Essas “unidades biopsicológicas móveis” são chamadas de alunos que, ao final do processo, recebem certificados de qualidade e excelência: os diplomas.

A rotina da sala (ou jaula?) de aula, o ensino centrado no professor e as repetições de lições, transformam os alunos, com o passar do tempo, tão repetitivos e sem imaginação quanto a própria escola. Por isso, esta dificilmente é vista como um local de prazer pelos jovens e crianças, devido à castração que ela pratica; afinal, o pensamento imagético, que a criança possui e trás consigo, é totalmente esquecido para se valorizar o pensamento científico, que tem pouca ligação com o imaginário infantil.

Diante disso, as crianças buscam um conhecimento alheio à escola. Passam a redesenhar a realidade por meio da imaginação e procurar um espaço que se adapte aos seus desejos. É exatamente isso que a personagem do conto em questão faz. Como forma de escapar das aulas chatas, a menina

desenhava, cantarolando, as espessas sobancelhas da professora, debruçada na carteira da escola. Enjoava. Entediava-se. Não acreditava no Arroio-Chuí. Não conseguia viajar pelos afluentes da margem esquerda nem atravessar depois para a margem direita. A professora era feia. A cor da saia da professora era feia. O giz colorido

⁵ A Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino, localizada a 30 quilômetros da cidade do Porto, Portugal. Devido seu projeto educativo inovador, baseado na autonomia dos estudantes, a instituição se notabilizou internacionalmente.

era úmido e não desenhava o cachorro de coleira e sapatos.
(MEDEIROS, 1988, p.27)⁶

A ação da menina de desenhar as sobrancelhas da professora e imaginar o cachorro de sapatos ao invés de prestar atenção à aula de geografia é uma resistência “estático-subjetiva”. Embora aparente estar submissa à ordem escolar, dentro de sua imaginação, de sua realidade subjetiva, a menina está absorta em seu mundo. Afinal, como nos diz Bachelard (1988, p.100), “imaginar sempre será mais que viver”.

Entretanto não era somente a rotina escolar que entediava a menina, mas toda a vida social e familiar. Fazia as coisas sem prazer. Tudo isso é simples de compreender, se pensarmos que na maioria das vezes as crianças não suportam o mundo dos adultos. Em depoimento a Renard Pérez (1988, p. 32), Guimarães Rosa declarou:

Não gosto de falar em infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada.

É preciso reafirmar, sempre, que as crianças vivem em um mundo que é delas, diferente do mundo dos adultos. Tem muita “gente grande” indiferente e ignorando o universo infantil, esquecendo que um dia também foram crianças.

Nada mais odioso do que uma sala “impecável” onde as crianças “não podem tocar em nada!”. Nada mais desgraçado do que um quarto-de-dormir cuja ordem rigorosa imposta pela mãe sugere que “aquilo” é muito mais para ser “visto pelos outros” do que “vivido por nós”. É difícil aos adultos compreenderem que na ordem das coisas, das palavras e dos gestos, “bagunças” e “algazarra” são apenas maneiras infantis e adolescentes criativas de dar ao mundo uma outra ordem. (BRANDÃO, C., 2002, p.201)

⁶ Empregamos a marcação em itálico para as citações do conto em estudo.

Quando a criança não tem um espaço ao redor, atrás de si, próprio para fazer suas brincadeiras e aventuras, a solução é o espaço psicológico, por meio do imaginário. E convenhamos, imaginação fértil é o que não falta às crianças. Nesse sentido, surgem ilusões de habilidades fenomenais (voar, força descomunal, velocidade, etc) que tornam a vida uma ficção, pois revela outro mundo para o menino/menina e proporciona recursos para lidar com os aspectos “desinteressantes” da vida.

A imaginação gosta de brincar. A brincadeira de que ela mais gosta é o faz-de-conta. É brincando de faz-de-conta que ela constrói brinquedos. Faz de conta que uma lata de sardinha é um carrinho. Faz de conta que o cachorrinho de pelúcia é um cachorrinho de verdade. Faz de conta que o travesseiro macio é uma pessoa de quem a gente gosta muito. Faz de conta que esses bolinhos de barro são brigadeiros. Faz de conta que a minha mão com o dedo esticado é um revólver. Faz de conta que o cabo de vassoura é um cavalinho que se chama Valente. Faz de conta que esse pedaço de bambu é uma espada... (ALVES, 2003, p. 106)

Afinal, é pela imaginação que se dá forma às imagens, como nos diz Bachelard (1988, p.18), pois na fenomenologia do devaneio poético, qualquer imagem, por mais simples que seja, é capaz de revelar o mundo e neste revelar se dá formas às imagens; ela não é “a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade”. É por isso que as crianças:

Vivem a criação invejável de fantasias que são verdades por um instante e às quais damos em geral o nome de “travessuras”, quando não, nomes piores, mais desconfiados ainda. É preciso devolvê-las aos lugares escolhidos para serem o pequeno paraíso de uma manhã, de um fim de semana, de uma metade de férias, e que somente é feliz porque separa por algum tempo a vida infantil da presença do adulto. (BRANDÃO, C., 2002, p. 193)

Por vezes, no ambiente de trabalho do adulto, o lugar de utilidade, são os melhores locais para a criança fugir da sua realidade e entrar numa realidade

subjetiva, e começar a formar suas imagens do devaneio, onde o local prático, passa a ser o local do lúdico. É exatamente o que a menina de “Zeus” faz. Por falta de entusiasmo em sua vida, começa a ajudar no comércio de sua família. A partir de então, a menina passa a viver exclusivamente para os sábados. Sua vida só tem sentido naquele dia. O prazer de desfilar pelas mesas, com os copos coloridos de suco, para todos os lados era sua realização máxima.

Longe da escola, do dever, da figura repressora da professora, das matérias chatas, a menina se entusiasma com *as mesas, o xadrez das toalhas, o barulho da registradora. O cenário perfeito. As pessoas perfeitas. O sábado perfeito*. Naquele espaço ela sente-se livre e até mesmo seu esforço como ajudante é visto, por ela, como atividade prazerosa.

Isso se explica pelo fato da criança deslocar-se e transportar-se entre múltiplas realidades do mundo, entre os múltiplos espaços de sua imaginação. Mesmo sem ter consciência de sua posição em um espaço social reduzido e organizado por adultos, a criança realiza deslocamentos: entre o espaço real e o espaço imaginário, o tempo cronológico e o tempo individual.

O *cenário perfeito* não anula o cenário real; antes resulta em uma vivência paralela e contrastante: para os adultos é o espaço do comércio e para a menina é o espaço do prazer, da alegria. A palavra *cenário*, que aparece seis vezes no conto, remete ao cenário enquanto sistema semiótico do espaço e tempo da ação teatral. Sendo assim, a menina representa uma cena para suprir a vida sem ânimo e gozo. Aparentemente, a garota é apenas uma criança ajudando a mãe e que *trabalhava aos sábados como gente grande*. Trata-se do jogo de “ser” e “parecer”, conforme o estudo de Amarílis Tupiassú (2002).

Em meio das *mesas, do xadrez das toalhas, do barulho da registradora* a menina está no seu espaço, no seu mundo, no seu *cenário perfeito*, cria um espaço próprio, em que o mundo acontece de acordo com sua vontade, um mundo mais agradável que a realidade.

Assim, a infância remete à fantasia, à imaginação, à criação, ao sonho coletivo, à história presente, passada e futura. Próxima dos mágicos e loucos, contraposta à racionalidade instrumental, a criança monta cada peça, cada pedrinha que encontra, cada retalho, pau, bloco. (KRAMER, 1996, p. 36)

É importante destacar que não compactuamos com a idéia de que o imaginário é válvula de escape simplesmente. Ratificamos o pensamento de Ludimilla Oliveira dos Santos (2006) ao dizer que o imaginário infantil é um elemento capaz de desanuviar as circunstâncias imediatas da realidade, fornece à criança recursos para construir sua subjetividade e identidade por meio da capacidade de “experimentar” e “reinventar” um espaço ou a si mesma.

A experimentação e reinvenção do espaço acontecem de forma irônica no conto: o narrador coloca o alcance do prazer por meio da retirada dos óculos, pois somente dessa forma a menina passa a enxergar o mundo que ela imaginava, o mundo que ela desejava. Logo os óculos, que normalmente é o objeto utilizado para que possamos “ver melhor”, neste caso passa a ser uma representação do embotamento da visão do mundo adulto. Ou seja, a menina recusa enxergar o mundo com o olhar adulto, pois prefere ver o mundo com seu olhar infantil.

O jeito, a forma com que ela burla uma realidade que não interessa pra ela, que é desinteressante pra ela, é exatamente tirando os óculos, num gesto de grande ambigüidade. Ou seja, ela usa óculos para ver melhor, mas são esses óculos que ela tira no momento em que ela quer ver exatamente uma realidade que nada tem haver com a realidade dos adultos e muito mais interessante. (MEDEIROS *In* A ESCRITURA VELOZ, 1994)

A perfeição da vida dos adultos, a escola, a professora, os deveres, as formas perfeitas transpassadas pelos óculos, nada disso interessava para a menina. Ela rejeita a correção visual e, numa atitude subversiva, prefere ver o mundo através de sua miopia. Sente prazer e alegria por estar vendo tudo com seus olhos de criança, sem a intervenção e correção dos adultos.

Uma leitura da menina de Zeus é feita pela narrativa visual que compõe a capa do livro. Valdir Sarubbi⁷, autor da obra, reitera a análise da personagem, pois temos a imagem da garota dividida em duas partes.

Sabe-se que as cores influenciam psicologicamente os seres humanos de várias maneiras, e são mais ligadas à emoção do que propriamente à forma. Se várias figuras coloridas forem mostradas a um grupo de pessoas, essas pessoas se lembrarão mais facilmente das cores do que das formas. A imagem da capa de “Zeus ou a Menina e os Óculos” usa elemento de estímulo imediato, como as cores preta e branca, vermelho, amarelo, azul, provoca várias reações, e atrai o leitor a observar os dois lados dessa capa.

⁷ Valdir Sarubbi nasceu em 1934 (Bragança-PA) e faleceu em 2000 (São Paulo-SP). O ex-advogado que um dia se descobriu como artista plástico teve uma vida intelectual diversificada e abrangente. Suas obras retratam, entre outros aspectos, uma espécie de mapeamento visual e sentimental da região amazônica, seja em seus aspectos físicos, seja em memórias, sedimentos, arquétipos e emoções pessoais. Ao longo da carreira, trabalhou a ornamentação marajoara, desenhos labirínticos, desenhos intrincados e recortes triangulares. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre eles o Prêmio "Brasil Plástica" (Bienal de São Paulo - 1972), Certificate of Excellence: Works on Paper (International Art Competition - New York – 1988) e em 2000 foi agraciado com uma Bolsa da Pollock-Krasner Foundation (New York).

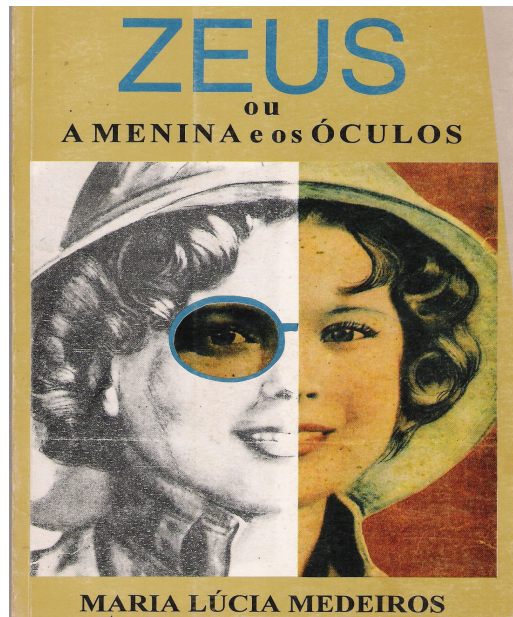


Imagem 1 – Capa do livro “Zeus ou a menina e os óculos”.

A leitura feita Valdir Sarubbi indica a percepção dos dois mundos tratada no conto. O preto-e-branco associa-se ao mundo sem vida ou sem emoção, ou a menina antes da retirada dos óculos. A imagem dos óculos mostra os olhos da menina. Os olhos aparecem em destaque na imagem e demonstram que liberdade da menina são os olhos, daí o uso da cor nesse fragmento da tela. Já no lado colorido, o fundo destaca o vermelho, cor quente, transbordante de vida, de agitação, de força e de dinamismo. A cor amarela ilumina a face da menina sem óculos:

ela dispensava a nitidez e algumas formas. Que era como se visse tudo pelas suas próprias lentes e mergulhasse assim no cenário agradável com cheiro de sábado, com barulho de sábado, com imagem não muito nítida que ela recobria do jeito que bem entendia e queria, sem medo, sem óculos, ela que os usara sempre desde muito tempo, para ver melhor. (MEDEIROS, 1988, p. 29)

III

Essa criatividade imaginativa da menina mostra como a criança constrói o seu espaço em meio a um espaço socialmente estabelecido pelos adultos, o restaurante da mãe demonstra a capacidade de explorar ludicamente um ambiente

adulto de trabalho. Ao criar o próprio mundo, a menina míope transgride os limites entre o real-objetivo e a imaginação, torna a linha de separação entre os dois mundos mais tênues, onde as situações do cotidiano ganham outras cores, outros contornos e ritmos. Nem mesmo as perguntas dos adultos diminuía a alegria daquela menina. Um senhor *queria saber o que ela já havia aprendido de matemática*; e uma mulher *espigada* perguntava: *qual a capital da Checoslováquia? E da Turquia? Qual o rio que banha Porto Alegre?* Essas perguntas, que testavam os conhecimentos adquiridos na escola, funcionam como uma “imperfeição” naquele *cenário perfeito*.

Essas imperfeições logo são desativadas porque, compreendendo a precariedade do ganho de estar num lugar mais aprazível, a personagem, personificação de Zeus, decide recusar-se a ver. E, antes de tomar posse do cenário desejado, dispensa seus óculos, enceguece-se, relega à obscuridade o indesejável, institui a abstração ou a desmaterialização do que recusa ver, para que o seu mundo se construa de acordo com os seus projetos. Nesse sentido, a menina assume um papel de Zeus, o deus dos deuses, e “apaga” um universo e os seres vazios que o habitam, para arquitetar o mundo, o cenário conforme demanda o seu prazer. (TUPIASSÚ, 2002, p. 29)

A comparação entre a menina e o deus grego está evidente desde o título do conto. Zeus era venerado pelos gregos como o grande deus de quem dependiam o céu, a terra, a família. Segundo Hesíodo e outros autores, Zeus nasceu de Réia e de Cronos, o qual engolia os filhos para evitar que se cumprisse a profecia de que um deles o destronaria. Após o nascimento de Zeus, Réia ocultou a criança numa caverna, em Creta, e deu uma pedra envolta em faixas para o marido engolir. Quando chegou à idade adulta, Zeus empreendeu uma longa e terrível luta contra seu pai. Após dez anos de batalhas Zeus obteve a vitória, contando com a ajuda de seus irmãos e dos Ciclopes. Transformou-se então no novo senhor supremo do cosmo, que governava da morada dos deuses, no cume do Monte Olimpo. A esposa de Zeus foi sua irmã Hera, mas ele teve numerosos amores com deusas e mulheres mortais, que lhe deram muitos filhos, colocados entre os deuses e semideuses. O deus assumia com frequência formas zoomórficas - cisne, touro - ou de nuvem ou

chuva. Era representado comumente como homem forte e barbado, de aspecto majestoso.

Ésquilo define a soberania de Zeus: “Zeus é o éter, Zeus é a terra, Zeus é o céu. Sim, Zeus é tudo quanto está acima de tudo.” (BRANDÃO, 1991, p. 498) Ele é o pai dos deuses e dos homens, a fonte de sabedoria, a autoridade e justiça.

Zeus simboliza o reino do espírito. Embora não seja um deus criador, ele é o organizador do mundo exterior e interior. Dele depende a regularidade das leis físicas. Sociais e morais. Consoante Mirecea Eliade, Zeus é o arquétipo do chefe de família patrilinear. Deus da luz, do céu luminoso, é o pai dos deuses e dos homens. Enquanto deus do relâmpago, configura o espírito, a inteligência iluminada, a intuição outorgada pelo divino, a fonte da verdade. Como deus do raio, simboliza a cólera celeste, a punição, o castigo, a autoridade ultrajada, a fonte da justiça. (BRANDÃO, 1991, p. 500)

Ao longo do conto, as atitudes da menina míope a tornam semelhante a Zeus. Sim, pois ela impõe sua vontade, sua audácia, sua rebeldia, e luta contra a mesmice e o tédio, até alcançar o cenário que lhe apraz.

O deus supremo, cujo atributo é o raio que corta em ziguezague, tem figurativamente e de fato as mesmas qualidades de uma menina que, entre um ir e vir indesejável, termina por ser deusa suprema de seus desejos em seu mundo particular. (TUPIASSÚ, 2002, p. 28)

Referências:

A ESCRITURA VELOZ. Direção de Mariano Klautau Filho. Belém: Produção Independente, 1994. Fita de vídeo, VHS, son., color.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Volume II. Petrópolis: Vozes, 1991.

FARES, Josebel Akel. Imagens da passagem refletidas no espelho. In: TUPIASSÚ, Amarílis. (Org.) **A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras**. Belém: Secult/Ioe, 2002.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996.

MATA, Anderson Luís Nunes da. **O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea**. 116 folhas. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade de Brasília, Brasília: 2006.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Zeus ou a menina e os óculos**. 1. ed. São Paulo: Roswitha Kempf, 1988.

PÉREZ, Renard. Perfil de Guimarães Rosa. In: RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SANTOS, Ludimilla Oliveira dos. **Na corda bamba: o espaço da criança na obra de Lygia Bojunga**. 108 folhas. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Universidade de Brasília, Brasília: 2006.

TUPIASSÚ, Amarílis. (Org.) **A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras**. Belém: Secult/Ioe, 2002.